

A ESCUTA PSICOLÓGICA DE PACIENTES NO CAPS: REFLEXÕES SOBRE A LIBERDADE NO ADOECIMENTO PSÍQUICO

JULIO CÉSAR PAOLUCCI¹; GIOVANA LUCZINSKI²

Universidade Federal de Pelotas – julio.paolucci2@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – giovana.fagundes@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado com base nas experiências de um campo de estágio que ocorreu em um Centro de Atenção Psicossocial, dialogando com referenciais teóricos da psicologia existencial-fenomenológica para uma melhor compreensão dos processos vivenciados. Durante os atendimentos, muitos pacientes trazem um sofrimento associado às suas escolhas ou a decisões que deixaram de tomar ao longo da vida, remetendo à temática da liberdade – um eixo central na perspectiva teórica aqui adotada.

Segundo Borges et al (2010), a liberdade existe através da nossa consciência para planejar ações, pois somos seres livres para agir e estamos sempre interagindo com o mundo. Ainda segundo SILVA (2013), partindo do existencialismo sartreano, a liberdade é uma das condições inerentes aos seres humanos, da qual não se pode escapar, pois enquanto existirmos no mundo estaremos sentenciados a essa condição. Ao mesmo tempo, como nos lembra Arendt (1988), existem inúmeros condicionantes histórico-sociais para a liberdade, que geram conflitos e exigem negociações constantes. Portanto, tudo o que envolve praticar escolhas acaba trazendo alguma angústia ou sofrimento, principalmente no modelo de sociedade atual, na qual predomina um conceito de liberdade bem diferente da trazida no pensamento de Sartre. A forma como culturalmente vivenciamos o tema da liberdade pode estar contribuindo para o adoecimento psíquico que muitas pessoas vêm desenvolvendo no seu percurso de vida. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo discutir tal temática teoricamente, bem como sua importância para sustentar as intervenções clínicas na proposta existencial-fenomenológica.

2. METODOLOGIA

Ao longo dos dois anos de estágio no local, em atendimentos realizados, tanto nos acolhimentos (que são a entrada do paciente no serviço) quanto na atenção individual e nas terapias em grupo, foram escutadas inúmeras experiências e relatos das mais variadas pessoas. O CAPS em questão é de modalidade II, com funcionamento das 8 horas da manhã às 18 horas da tarde, atendendo pacientes com transtornos graves e crônicos. Nesse local, a atividade realizada vai ao encontro de todos que transitam no lugar e participam dos atendimentos. Chama atenção o fato de que muitas pessoas que lá estavam tinham um algum sofrimento por conta de ações que foram impostas a elas e que acabaram aceitando esse fato de forma passiva, ocasionando grande sofrimento. Dessa forma, tornou-se necessário pesquisar sobre vertentes teóricas que pudessem ajudar a entender essas questões, iniciando um levantamento bibliográfico. Dessa forma, chegou-se ao conceito de liberdade de Jean-Paul

Sartre, base que ajuda a refletir sobre as raízes dessas questões, compreendendo como essas pessoas sofrem tanto por conta de escolhas ou limitações.

3. DISCUSSÃO

Ao longo do período de estágio, inúmeros pacientes transitaram no serviço, com diversos relatos, mas muitos deles com algo em comum: o fato de sofrerem perante as suas escolhas, sejam estas realizadas por eles ou ações de terceiros frente a eles. O ser humano usa sua liberdade para adotar o que pretende ser e partindo dessas preferências são produzidos os seus conceitos (SILVA, 2013). Portanto, seguindo o relato dos pacientes, percebe-se que as opções adotadas são tomadas para partir em direção a algo e nessa tomada de decisão podem surgir fatos para dificultar essa ação, levando, assim, diferentes sensações: uma sensação de não ser livre, ou de que poderiam ter feito tudo de uma forma diferente. Isso acaba gerando vários pensamentos que, se mantendo, acabam por criar uma grande angústia no sujeito.

Após consideráveis escutas no percurso do estágio, e consultando a literatura sobre o tema, chamou a atenção o fato de muitos dos usuários relatarem uma retirada de suas ações, desde as mais básicas tarefas do dia-a-dia, como, por exemplo, ir ao mercado, ou questões mais pessoais, como a escolha de cônjuge. Essa retirada de ser o protagonista de suas decisões, ao longo do tempo, começa a ter como resultado um sofrimento psíquico profundo, e algumas dessas pessoas criam uma perspectiva de que não são capazes de realizar a mais simples tarefa. Por consequência, sentem que não podem mudar o atual panorama de suas vidas, sentindo-se impotentes.

Ao mesmo tempo, sabe-se que todos têm limitadores e não existe liberdade absoluta, mas sim uma potência de refletir e transformar aos poucos cada existência em diálogo com o meio. Segundo Mattos (2012), pensar a liberdade como algo individual, como se faz na sociedade contemporânea, se torna um problema, pois somos seres de relação, a todo o momento interagindo uns com os outros. Assim, tentamos aprender como são as outras pessoas e vamos fortalecendo a nossa experiência através desse contato, o que também acontece com o outro sujeito da interação. Por isso, quando estamos frente a uma determinada ação que gera dúvidas ou empecilhos no caminho que podem torná-lo mais difícil, o exercício de convívio permite pedir ajuda do outro, fortalecendo ainda mais a nossa vivência. No entanto, muitas pessoas entendem os obstáculos impostos pela vida sobre seu poder de decisão, como uma questão que tem que ser resolvida de forma individual, sentindo que a sua liberdade não está completa. Ainda segundo Borges et al (2010), as pessoas entendem que questões resistentes que se apresentam à sua escolha acabam sendo fatores que barram a sua liberdade, quando, na verdade, isso faz parte de um processo natural, pois sempre haverá alguma resistência, mas a partir disso pode surgir a possibilidade da liberdade.

Portanto, ao longo da experiência adquirida dentro do campo de estágio, o tema da liberdade foi o que acabou por chamar mais a atenção, pois grande parte dos pacientes do serviço sofre por conta questões dentro desse âmbito. Pode ser constatado que essa angústia e sofrimento são fortes e estão trazendo grande comprometimento para a vida desses sujeitos, que não conseguem desenvolver escolhas, praticar ações simples do cotidiano. Isso tem acarretado uma desvalidação de sua capacidade de agir e escolher, sendo algo muito sofrível e que gera a sensação de ser imutável. Por isso, devemos

repensar esse modelo de liberdade individualista, pois não estamos vivendo de forma solitária no mundo, mas sim em constante interação, fator que nos permite aprender e repensar questões, ampliando ações de ajuda mútua diante dos obstáculos.

4. CONCLUSÕES

Como vimos no corpo do trabalho, a liberdade humana é algo inevitável, pois enquanto existirmos como seres no mundo, somos livres, dentro de certas circunstâncias, para agirmos e mudarmos nossa situação. Isso pode ser algo totalmente angustiante, pois como estamos cercados por pessoas, estamos em contato e essas interações podem não sair como queríamos. O próprio modelo de sociedade contemporânea nos instiga a realizar inúmeros planejamentos para o futuro, objetos que almejamos ter, sonhos que pretendemos realizar, a constituição de uma família, entre outros. Quando surge qualquer obstáculo para obtenção desses desejos, pensamos que nossa liberdade foi tirada, por termos uma sensação de que liberdade é poder fazer tudo que se quer, sem nenhum empecilho no caminho. Portanto esse tipo de temática precisa ser estudada e aprofundada, pois nos ajuda a compreender melhor o sentido do sofrimento de muitas pessoas, pois por vezes escutamos a demanda, mas não conseguimos compreender da melhor forma o que nos é passado. Esse tipo de estudo nos permite fugir do senso comum e a realizar uma escuta mais qualificada. A partir do momento em que a teoria é utilizada para entender inúmeros acontecimentos da vida humana, pode-se oferecer uma qualidade ainda maior de escuta para essas pessoas que estão muito angustiadas e com grande sofrimento. Dentro da psicologia existencial-fenomenológica, podemos utilizar o conceito de liberdade para instigar os pacientes a recuperarem o protagonismo de suas vidas, protagonismo este referente à tomada de decisões, de praticarem as escolhas possíveis sem tantas crenças que desqualifiquem a sua experiência, conseguindo interagir com o mundo de uma forma mais dialógica.

5. REFERÊNCIAS

ARENDT, H. *O que é liberdade? IN: Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BORGES, A. T; CAPELLI, D. C; AZEVEDO, M. K; VIEIRA, J. A. *O conceito de liberdade no existencialismo sartriano*. 2009. Akrópolis, Umuarama, v. 17, n. 1, p. 13-20, 2009.

MATTOS, A. R.; EWALD, A. P.; CASTRO, F. G. de C. *Liberdade, alienação e criação literária: reflexões sobre o homem contemporâneo a partir do existencialismo Sartriano*. 2012. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2012, v. 12, n. 3, p. 724-766, 2012.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas . *A concepção de liberdade em Sartre*. 2013. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, Mato Grosso do Sul, 2013.